

PHILIPPE LACOUÉ-LABARTHE  
**MUSICA FICTA (figuras de Wagner)**

*Cet ouvrage, publié dans le cadre du Programme d'Aide à la Publication 2015 Carlos Drummond de Andrade de la Médiathèque de la Maison de France, bénéficie du soutien du Ministère français des Affaires Étrangères et Européennes.*

*Este livro, publicado no âmbito do Programa de Apoio à Publicação 2015 Carlos Drummond de Andrade da Mediateca da Maison de France, contou com o apoio do Ministério francês das Relações Exteriores e Europeias.*

# PHILIPPE LACOUÉ-LABARTHE

## MUSICA FICTA (figuras de Wagner)

TRADUÇÃO

**Eduardo Jorge de Oliveira**  
**Marcelo Jacques de Moraes**



© Relicário Edições  
© Christian Bourgois Éditeur, 2013

CIP –Brasil Catalogação-na-Fonte | Sindicato Nacional dos Editores de Livro, RJ

L145m

Lacoue-Labarthe, Philippe (1940-2007)

Musica ficta: figuras de Wagner / Philippe Lacoue-Labarthe ;  
Tradução Eduardo Jorge de Oliveira, Marcelo Jacques de Moraes. --  
Belo Horizonte, MG : Relicário Edições, 2016.

260 p.

Título original: *Musica Ficta (Figures de Wagner)*

ISBN: 978-85-66786-43-9

1. Filosofia. 2. Wagner, Richard, 1813-1883. 3. Baudelaire, Charles, 1821-1867. 4. Mallarmé, Stéphane, 1842-1898. 5. Heidegger, Martin, 1889-1976 .6. Adorno, Theodor W., 1903-1969. I. Título. II. Título: figuras de Wagner.III. Moraes, Marcelo Jacques de.IV. Oliveira, Eduardo Jorge de.I. Título.

CDD 190

COORDENAÇÃO EDITORIAL Maíra Nassif Passos  
PROJETO GRÁFICO & DIAGRAMAÇÃO Ana C. Bahia  
TRADUÇÃO Eduardo Jorge de Oliveira e Marcelo Jacques de Moraes  
REVISÃO TÉCNICA Marcelo Jacques de Moraes  
REVISÃO Lucas Moraes

**RELICÁRIO EDIÇÕES**

[www.relicarioedicoes.com](http://www.relicarioedicoes.com) | [contato@relicarioedicoes.com](mailto:contato@relicarioedicoes.com)

*A Gérard Genette, que entende muito bem disso.*

*“A inumanidade da arte deve superar a  
do mundo em nome do humano.”*

ADORNO



APRESENTAÇÃO À EDIÇÃO BRASILEIRA **9**

PRÓLOGO **31**

1. Baudelaire **43**
2. Mallarmé **103**
3. Heidegger **167**
4. Adorno **215**





APRESENTAÇÃO À EDIÇÃO BRASILEIRA

## LACOUÉ-LABARTHE, A MÚSICA TRANSCENDENTAL

João Camillo Penna \*

*Como, se, e sob que condições uma “grande arte” (ainda) é possível hoje?* Essa é a pergunta de matiz transcendental formulada por Philippe Lacoue-Labarthe (1940-2007), em *Musica ficta (figuras de Wagner)*, publicado em 1991, e que chega ao Brasil com 25 anos de atraso, mas antes tarde do que nunca.<sup>1</sup> O ponto de partida ausente do livro é o acontecimento-Wagner, em seu tempo, isto é, a proposição da “obra de arte total” (do *Gesamtkunstwerk*), no horizonte temporal que esta proposição abriu para a música ocidental europeia. A resposta de Lacoue-Labarthe é taxativa: uma “grande arte” não deveria, e rigorosamente não poderia hoje existir. A razão da negativa é, portanto, de natureza ética. A

---

1. Aqui mesmo: Lacoue-Labarthe, Philippe. *Musica ficta (figuras de Wagner)*. Trad. Eduardo Jorge de Oliveira e Marcelo Jacques de Moraes. Belo Horizonte: Relicário, 2016. Doravante grafada como MF.

pergunta não é feita diretamente a Wagner, ela nos vem refratada indiretamente pelo viés de quatro “críticas”, que são, na verdade, quatro enfrentamentos com a proposição wagneriana de “grande arte”, de dois poetas franceses, Baudelaire e Mallarmé, contemporâneos de Wagner, e de dois filósofos alemães, Heidegger e Adorno, posteriores a Wagner. O “hoje” da pergunta inicial deve ser, portanto, atualizado segundo os diversos tempos desses críticos, estendendo-se até os dias de hoje, a ambição intemporal do conceito de “grande arte”, desde sempre posta em dúvida, sendo a de que ela permanece para nós ainda hoje (em 2016 e adiante) uma questão.

Mas o que é a “grande arte”? O conceito surge no *Tratado do sublime (Peri Hypsous)* do Pseudo-Longino, tudo leva a crer um grego tardio que viveu entre o século I e o III d.C., que trata do “falar elevado”, do “grande falar” (de *subliminis*, literalmente, “até o limite”, que podemos traduzir por: “de um modo elevado”, “suspenso no ar”).<sup>2</sup> (A preposição que remete à altura parece ter substituído nos dias de hoje, por exemplo, na expressão “alta cultura”, o sentido clássico de *grandeza* sinônimo de sublime.) O retórico Longino retoma trechos retirados ao corpus poético grego, a Homero, aos poetas trágicos, à Safo ou à Bíblia judaica, situando em suma uma tradição já passada, já perdida, no início da era cristã. Os exemplos literários citados por Longino são frequentemente de frases prescritivas, o que ressalta o elemento moral da tradição sublime, que será retomado na “Análise do sublime” da *Crítica da faculdade do juízo* de Immanuel Kant.

---

2. Cf. Lacoue-Labarthe, Philippe. “A verdade sublime”. In: Figueiredo, Virginia de Araújo e Penna, João Camillo (orgs.) *A imitação dos modernos. Ensaios sobre arte e filosofia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

Lembremo-nos da definição do sentimento de sublime matemático: trata-se do sentimento diante do *absolutamente grande*, que a faculdade da imaginação, mesmo que tendida ao seu limite, ao máximo de seu esforço, se percebe inadequada para expor, o que revela a destinação supra-sensível da humanidade, a ideia da razão, isto é, a lei moral.<sup>3</sup> “O sentimento da inadequação de nossa faculdade para alcançar uma ideia, *que é lei para nós, é respeito*”, escreve Kant.<sup>4</sup>

Na tradução historicizante (e pré-dialética) que faz Schiller da estética kantiana, algo do *sublime* é transposto para o que ele chama de “ingênuo” (*naive*) – a natureza, o mundo primitivo, a Antiguidade, i.e., a Grécia –, nada mais nada menos do que a noção de *origem*, ou seja, do tempo anterior à história, reinventada por Jean-Jacques Rousseau, no século XVIII, no qual Lacoue-Labarthe identifica a genealogia do *transcendental* kantiano.<sup>5</sup> Como transcendental, essa origem é inacessível enquanto tal, para nós, modernos, como objeto, mas aquilo mesmo em que o sujeito (a negatividade, a mediação) deve se transformar, revelando a Ideia (kantiana) da razão, em uma “sublime comoção”.<sup>6</sup> A subjetivação da natureza é o que Schiller chama de “sentimental” (por oposição ao ingênuo), o campo da cultura, da arte, isto é, da *modernidade*.

---

3. Kant, Immanuel. *Crítica da faculdade do juízo*. Trad. Valerio Rohden e António Marques. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2a. edição, 1995, p. 104.

4. *Ibidem*, p. 103.

5. Lacoue-Labarthe, Philippe. *Poétique de l'histoire*. Paris: Galilée, 2002.

6. Schiller, Friedrich. *Poesia ingênua e sentimental*. Trad. Márcio Susuki. São Paulo: Iluminuras, 1991, p. 44.